

Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/2016/06/28/por-tras-dos-jogos-do-rio>>



A patologia das Olimpíadas e outros males

György Miklós Böhm

"Leitos hospitalares foram reservados e bloqueados para as olimpíadas no Rio de Janeiro."

Infelizmente, essa notícia veiculada na imprensa e na internet é verdadeira. Os pormenores são imprecisos: uns falam de 135 e outros de 235 leitos; cirurgias agendadas teriam sido desmarcadas; o Ministério da Saúde confirma a decisão da reserva de leitos, mas nega que haja bloqueio nos atendimentos; investigação está em andamento sobre a construção de uma ala no hospital Miguel Couto, pronta desde maio, porém indisponível aos usuários do SUS etc.

Pouco importam as dúvidas, pois a essência é verdadeira. Como tantas vezes, tenta-se salvar aparências perante os estrangeiros à custa do atendimento aos brasileiros menos privilegiados, atendimento que, como é de domínio público, está cada dia pior, particularmente na Cidade Maravilhosa.

Isso é monstruoso. Doentes graves ficam em macas e não poucas vezes no chão mesmo. Pacientes já com diagnóstico de males que exigem terapêutica urgente morrem em filas intermináveis. No entanto, o que importa é que o sistema fotografe bem nos Jogos Olímpicos. O Brasil se mostrará preparado

para eventuais acidentes durante a festa atlética e, depois, assim dizem, tudo se reverterá ao bem dos necessitados. Ledo engano. Isso já conhecemos de outros carnavais. O que sobrou da Copa? Ruína econômica, processos que dão em pizza, elefantes brancos e a recordação dos 7 x 1 tatuada na alma.

O mal não para por aí, possui raízes profundas em nosso comportamento. Perante essa política de sacrificar crianças a favor daquelas ainda não nascidas, não há revolta nem clamor, são apenas notícias que passam despercebidas no turbilhão das barbaridades cotidianas. As vozes, os protestos e gritos emudeceram. Nem mesmo as entidades médicas levantaram clamor. Ficamos anestesiados pela banalização dos desmandos, das falcatruas e da violência.

Sim, assistimos esportivamente às demonstrações por terra, mar e ar das forças que evitarão eventual atos de terrorismo durante os jogos. Afinal de contas, os braços longos do ISIS já mataram no mundo muita gente. Na Europa, a tragédia maior é da França, que pranteia mais de duzentos mortos. Há que tomar cuidado, certamente. Ora, e nós? Só no Rio, contamos, em média, 16 assassinatos por dia. Oficialmente, em 2014, tivemos 59.627 homicídios no Brasil. O PCC comanda, de dentro das prisões de segurança máxima, assaltos a bancos com uma dezena ou mais de homens com armamento pesado, carros e até escavadeiras. Já ficamos indiferentes e aceitamos tacitamente que, após as olimpíadas, em matéria de violência tudo continuará como dantes no quartel d'Abrantes.

O Ministro da Saúde de plantão, Ricardo Barros, num momento de rara infelicidade, afirmou que "É melhor ter um médico cubano do que um farmacêutico ou uma benzedeira". Sendo

político, engenheiro e empresário — é o que nos informa a Wikipédia —, vá lá que compare farmacêutico com benzedeira, estamos habituados com ministros absolutamente jejunos em assuntos de sua pasta. Entretanto, como empresário, deveria saber que é mau negócio pagar R\$ 10.000 por mês para alguém que recebe pequena fração disso, insuficiente para sustentá-lo, e necessita de auxílio dos cofres municipais para a sobrevivência. Como ser humano, não deveria compactuar com regimes de escravidão. Sim, porque, se a Suécia vendesse seus recursos humanos para lucrar 70% com a transação, o mundo cairia em cima dela. Sendo político, o ministro deveria ter mais cautela com o programa Mais Médicos, denunciado por vozes competentes, entre elas a do CFM. Mas a canhestra sentença não teve protestos maiores, e continuamos a pagar mais de um bilhão por ano a Cuba, para a tristeza dos farmacêuticos e das benzedeiros.

O governo da presidente Dilma confundia Saúde e Medicina. Temo que o mal-entendido continue. O Brasil vive num estranho paradoxo: a Saúde deteriora a Medicina e a Medicina prejudica a Saúde. Esse é um assunto mais complexo, cuja discussão deixo para outra oportunidade. Talvez não. Ficarei calado. Afinal, o que importa?

György Miklós Böhm

Professor Emérito da FMUSP

A atual crise brasileira

"Quando escrita em chinês, a palavra 'crise' compõe-se de dois caracteres: um representa perigo e o outro representa oportunidade."

John Fitzgerald Kennedy (1917-1963),

35º presidente dos Estados Unidos da América (1961-1963)

Helio Begliomini

O Brasil está vivendo nos dois últimos anos uma série crise política e econômica, com graves repercussões para a sociedade.

A crise atual tem como origem a falta de ética, de decoro, enfim, a falta de vergonha de nossos políticos, que, em um número muito expressivo deles, quer na condição de

vereadores, quer como deputados estaduais e federais; ou como senadores e até ministros, utilizam-se de seus cargos em benefício próprio, ou em negociatas com empresas e empreiteiras conluiadas, ou ainda em prol de seus currais eleitorais. O foro privilegiado que alguns possuem serve de escudo, verdadeira proteção para que ações malévolas, antiéticas e imorais sejam feitas e refeitas sem o menor escrúpulo ou remorso. Também é desalentador ver alguns dos membros do poder judiciário mancomunados ou mantendo um grande fisiologismo com aqueles que malversam o país e dilapidam a nação.

A mentira e a ladroagem se tornaram institucionalizadas em boa parte dos políticos brasileiros. Tais lesas-pátrias conseguem, diante de câmeras de televisão e do público, dissimular a verdade, iludir o povo, afirmar e reafirmar a própria inocência, sem se constrangerem ou sequer engasgarem a voz, ou ainda ficarem com rostos vermelhos, mesmo quando provas e mais provas se avolumam contra eles. Infelizmente, torna-se ainda muito atual, pelo atavismo político brasileiro, o pensamento sombrio do grande escritor pátrio Monteiro Lobato (1882-1948): "**No Brasil subtrai-se; somar, ninguém soma**".

Em quaisquer países do primeiro mundo, além de essa corja de representantes do povo — verdadeiros abutres! — ser em número diminuto, o julgamento se faz mais rápido; a punição é mais severa; a desonra é atroz e a humilhação é extrema, motivando alguns até ao suicídio. Desafortunadamente isso está longe de acontecer em nosso querido Brasil, pois nossos políticos se autoconsideram santos e a justiça é extremamente morosa e complacente. Roubar e se utilizar de seus cargos para o tráfico de influências; a escalada do poder a qualquer custo, assim como o incremento de suas riquezas, tornaram-se metas obsessivas nessa súcia de representantes do povo.

Nos últimos anos os níveis de corrupção se tornaram alarmantes e preenchem cerca de 60 a 70% do tempo dos mais afamados jornais televisivos — É um verdadeiro mar de lama (!), que provoca uma hecatombe muito pior do que o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), ocorrida em 5 de novembro de 2015. Quanta benfeitoria poderia ser feita na educação, saúde, segurança pública, transporte, saneamento básico, telecomunicação, energia, estradas, ciência e tecnologia com as somas colossais que foram saqueadas do povo através da corrupção!?

Nessa grave crise em que o país está atolado, em 12 de maio de 2016, o Senado Federal aprovou, por 55 votos a favor e 22 contra, o afastamento da presidente Dilma Rousseff. Aliás, ratificou a decisão da Câmara dos Deputados, que, em 17 de abril anterior, aprovou, por 367 votos a favor, contra 137, a instauração do processo de *impeachment*.

Milhares e milhares de empresas faliram ou foram fechadas, proporcionando entre 11 e 12 milhões de desempregados!

Não há dúvida de que a situação do país está muito triste, confusa e desanimadora, com grande e grave reflexo na vida dos brasileiros. Contudo, jamais se pode perder a esperança. Afinal, em uma conflagração, sofrer derrota em algumas batalhas; retrain ou recuar posições não necessariamente significam perder a guerra, mas tão somente dar um tempo e se utilizar de estratégias para poder vencer o inimigo.

Aludindo ao grande estadista norte-americano John Kennedy, citado em epígrafe e autor de outra frase lapidar, "**Não pergunte o que a tua pátria pode fazer por ti. Pergunta o que tu podes fazer por ela**" —, pode-se dizer que, hoje, mais do que nunca, numa entidade, associação ou empresa brasileira, estamos no mesmo barco com risco de naufrágio. Não é hora de colocar em prática o ditado popular "**salve-se quem puder**". Ao contrário: ou nos salvaremos todos ou sucumbiremos todos, conjuntamente. Mais do que nunca se necessita da compreensão, apoio, desprendimento, trabalho, confiança, esperança, perseverança, criatividade para gerar oportunidades e união de todos!

Helio Begliomini

Membro da Associação Paulista de Medicina,
Academia de Medicina de São Paulo, Academia Cristã
de Letras, Academia Brasileira de Médicos Escritores e
Sociedade Brasileira de Médicos Escritores

A medicina e a mitologia grega (2)

Affonso Renato Meira

A lenda que se encontra nas mais antigas referências na mitologia grega da idade das fábulas, na qual se acha referência à medicina, vai-se revelar com Quíron.

Foi Quíron quem ensinou os conhecimentos sobre as doenças a Asclépio, citado na mitologia grega como o "deus da medicina". Quíron, meio homem e meio cavalo, não tinha a natureza selvagem dos outros centauros; era em verdade o mais sábio e o mais justo de todos eles.

Os centauros eram monstros representados como seres que possuíam cabeça de homem e corpo de cavalo. Os gregos tinham muita admiração pelos cavalos para considerar que a união desses corpos trouxesse qualquer degradação. Isso fez com que o centauro fosse considerado o único dos monstros da mitologia grega a possuir boas qualidades. Os centauros podiam andar na companhia dos homens.

Quíron foi educado por Apolo e Diana e alcançou renome por seus conhecimentos e habilidades na caça, na música e na medicina, além da arte da profecia.

Apesar de imortal, considerado em algumas citações como irmão de Zeus, Poseidon e Hades, três dos grandes deuses, Quíron vivia entre os mortais, em uma gruta do monte Pelión, na Tessália. Dedicado à caça em suas andanças, foi se transformando em conhecedor das plantas medicinais, e na aplicação destas acabou conhecedor da cirurgia. Esses conhecimentos médicos ele os transferiu aos seus contemporâneos e também, citam alguns autores, aos mortais. Sua sensibilidade o fazia ter um acentuado pendor musical, além de outros conhecimentos práticos importantes para sua época. Foi amigo de heróis como Peleu e Hérades. Foi educador de muitos heróis, entre eles Aristeu e seu filho Acteon, Aquiles, Jasão e Asclépio. Quíron pode ser considerado o mais antigo professor de mitologia grega. Uma lenda sobre sua morte conta que, atingido acidentalmente por uma flecha envenenada lançado por Héracles, que era seu amigo, formou-se uma ferida incurável e causadora de dores insuportáveis, o que o levou a apelar para seus conhecimentos, mas não

o livrou do sofrimento. Renunciou, então, à imortalidade, cedendo-a a Prometeu. Dessa maneira, Quíron pôde morrer e escapar do sofrimento.

Esse episódio da renúncia à vida de modo a não mais sofrer pode ser referenciado como medida precursora, na mitologia grega, da hoje discutida ortotanásia, ou seja, a morte para evitar o sofrimento. Quíron não desejou alongar a vida, afastando a morte de todas as maneiras, como se caracteriza na ética médica atual no termo de distanásia. Por outra visão, não cabe chamar a morte, por essa razão, de eutanásia, fim da vida sem razão mais bem compreendida. A morte de Quíron aconteceu para que ele não mais vivesse sofrendo.

Quíron era filho do titã Crono e de Filira, uma das oceânides. Crono uniu-se a Filira na forma de um cavalo, daí a forma híbrida do filho de ambos. Quíron não tinha a natureza selvagem dos outros centauros, filhos de Íxion e da nuvem; ele era, na verdade, o mais sábio e o mais justo dos centauros. Apesar de ser meio-irmão de deuses, vivia entre os mortais, em uma gruta do monte Pelión, na Tessália. Grande caçador, que entendia de música, de plantas medicinais, de cirurgia e de outros conhecimentos práticos prezados pelos antigos, Quíron era amigo dos heróis Peleu, a quem salvou certa vez da fúria dos outros centauros, e de Héracles. Foi o educador de vários outros heróis, entre eles Aristeu e seu filho Acteon, Aquiles, filho de Peleu, Asclépio, filho de Apolo, e Jasão, o futuro líder dos argonautas.

Consta que Quíron era casado com Caricló, possivelmente uma oceânide. Os principais mitos que o mencionam, além de suas atividades de professor, são o do casamento de Peleu e Tétis, o da visita dos argonautas e o da sua "morte". Nas representações mais antigas, usualmente na cerâmica do início do século VI em diante, Quíron é representado com pernas humanas e a parte traseira do corpo semelhante à de um cavalo. Posteriormente, tinha aspecto humano apenas do umbigo para cima. Frequentemente

mente, para ressaltar sua natureza civilizada, o artista colocava-lhe roupas, e, para destacar sua competência de caçador, ocasionalmente trazia no ombro uma vara com diversos animais pendurados. Quando Quíron morreu, Júpiter colocou-o no céu entre as estrelas, na forma da constelação de Sagitário.

Na mitologia grega, com suas lendas e fábulas aprende-se que o cuidado com a saúde precedeu o juramento de Hipócrates. Este dispôs sobre o comportamento dos que cuidavam da saúde, orientando as bases da ética, que chegam à atualidade. Mas, em época anterior, Asclépio, filho de Apolo e Corônís, já havia sido considerado médico e "deus da medicina". Era nessa mitologia que os gregos buscavam a explicação para o mundo em que viviam. Representa Asclépio o médico que conhecia a ciência, que lhe foi ensinada por Quíron, mas que respeitava a crença como algo transcendental. "Deus-médico ou médico-deus", une o natural com o sobrenatural, a realidade da ciência com a esperança dos milagres.

A mitologia romana se decalcou na imagem de Asclépio para ter aquele que representa o que cuidava das doenças. O nome de Asclépio se traduziu na mitologia romana em Esculápio, que empresta o nome ao idioma português, como sinônimo de médico.

Com a figura de Asclépio se encontra a serpente enrolada no cajado, que é a representação da tradição médica. A serpente, por trocar de pele, representa a renovação, a libertação das doenças, e o cajado constitui o símbolo da autoridade. Asclépio simboliza nos dias atuais a figura do médico com autoridade para combater a doença de acordo com a sua ciência, sem olvidar a existência divina.

A mais bela donzela em toda a Tessália era Corônís. Apolo apaixonou-se por ela, e dessa paixão o resultado foi a expectativa de um filho. Corônís, porém, enamorou-se de um mortal, Ischys. Apolo, enciumado, decretou a morte da donzela e mandou Ártemis para executá-la. Levada para a pira crematória, Apolo arrancou de seu ventre a criança e a entregou a Quíron. Outra lenda relata que a filha de Flégias deu à luz secretamente e abandonou a criança. Isso ocorreu em Epidaura, no Peloponeso. Uma cabra amamentou a criança e um cão velou pelo seu sono. Um pastor, dono dos dois animais, encontrou a criança que portava um clarão que a circundava. Perdidas no tempo, as lendas e fábulas da mitologia grega mantêm consigo versões diversas dos mesmos mitos. É o que acontece com o nascimento de Asclépio. Outra versão, menos difundida, conta que Asclépio é filho de Arsínoe, tendo, porém, sido criado por Corônís.

Cuidado por Quíron, cresceu Asclépio recebendo os conhecimentos da medicina, dos quais Quíron era portador. Adquirindo uma grande habilidade na medicina, Asclépio

descobriu uma maneira de ressuscitar os mortos, passando a ser considerado o "deus da medicina". Conta a lenda que Asclépio recebeu sangue da górgona Medusa, figura horrenda e monstruosa que do lado esquerdo tinha sangue violento e venenoso para causar a morte e do direito um sangue muito saudável, para devolver a vida aos mortos.

Dotado dessas habilidades, usadas com grande maestria, Asclépio tornou-se perigosamente grande. Os deuses temiam que ele revertesse o mundo ao passar os conhecimentos aos mortais.

Asclépio se casou com Epione, deusa da anestesia, e juntos tiveram os filhos:

Machaon, cirurgião e **Podaleiro** ou **Podalirio**, com o dom do diagnóstico ou da psiquiatria, que foram médicos dos gregos na Guerra de Troia.

Teléfore, pequeno gênio da convalescência.

Panaceia, deusa dos medicamentos e das ervas medicinais.

Iaso, deusa da cura.

Áceso, deusa dos cuidados e da enfermagem.

Aglaea, deusa dos bons fluidos.

Hígia ou **Higeia**, deusa da prevenção das doenças.

Entre seus descendentes, os nomes de duas filhas foram adotados tradicionalmente pelos médicos em suas atividades: Hígia, do qual originou "higiene", o cuidado com a limpeza, e Panaceia, a formulação de uma mistura exagerada de drogas.

Referências:

Academia de Medicina de São Paulo. Afinal, quem é Asclépio?. *Asclépio: Boletim da Academia de Medicina de São Paulo*, n. 1, ano 1, São Paulo, jan./fev. 2010.

Brandão, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986, v. 1.

Bulfinch, Thomas (1796-1867). *O livro da mitologia, a idade da fábula*. Trad. Luciano Alves Meira. Ilustração Getulio Delphim. São Paulo: Martin Claret, 2013.

Guimarães R. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1996.

Meira, A. R. *Código de Ética Médica: comparações e reflexões*. São Paulo, 2010.

Meira, A. R. *Sessenta anos passados: estórias de um médico não especialista*. São Paulo: Scortecci, 2016.

Affonso Renato Meira

Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Ex-presidente da Academia de Medicina de São Paulo

Reflexões sobre a existência

DA CRIAÇÃO AOS DIAS DE HOJE

Antonio Carlos Gomes da Silva

Este tema exige que se comece pelo princípio. Portanto, necessário se faz discutir alguns conceitos preliminares, dos quais o primeiro, e principal, remonta à clássica discussão: o que veio primeiro, o ovo ou a galinha?

Segundo o Gênesis, a resposta a essa dúvida atroz é óbvia. O homem, nesta elocução representando o gênero humano, é uma criatura de Deus, que, no 7º dia da criação de todo o Universo, do barro — portanto da terra — criou Adão, do qual retirou, em um momento de sono, uma costela para criar sua inseparável companheira, Eva.

De outra parte, os ateus e os agnósticos, quer, estes últimos, por entenderem ser impossível ao homem conhecer a natureza última das coisas, quer, aqueles, por não acreditarem em Deus, não devem concordar com o Gênesis. Portanto, seria necessário formular outras hipóteses.

O homem poderia ter sido gerado pela Natureza, provindo da terra, do planeta Terra, para onde retornará, fato que até reforçaria essa hipótese. Nesse caso, qual diferença haveria entre Deus e a Natureza? Ou proviria de algum outro elemento do planeta Terra ou de outro planeta. Ou a absurda possibilidade de ter surgido antes da Terra, podendo até tê-la criado. Absurda porque a lógica disso seria admitir que o homem é o todo-poderoso do Universo, um deus, e como consequência teria criado o Universo, logo jamais dele dependendo, fato absolutamente irreal.

Ainda dentro dessas considerações introdutórias, parece-me não haver qualquer contradição entre a teoria divina e a teoria de Darwin, a teoria da evolução das espécies, pois, novamente segundo o Gênesis, os 7 dias que Deus utilizou para chegar ao homem são um dado apenas simbólico. Seria o tempo necessário para a criação de tudo que está à disposição do homem, incluindo a evolução de todos os seres que o antecederam.

Pelos dados conhecidos, é ponto pacífico que o planeta Terra, local onde o homem hoje se encontra, o antecedeu.

Conclui-se, pois, que alguma entidade criou o homem, seja ela a Natureza ou Deus. Consequentemente, quer a Natureza, quer Deus, está dentro do homem, assim como o código genético dos pais está nos filhos.

Essa ideia permite um questionamento: como seria possível ao homem, que tem Deus ou a Natureza dentro de si, praticar atos que contradigam a sua excelsa origem, atentando contra os princípios de seu criador? A resposta me parece também óbvia: ao homem foi concedido o livre-arbítrio, conceito fundamental

para a sequência de eventos que derivam das atitudes do homem. Conceito fundamental e basilar para o respeito que todos os homens merecem ter em suas atitudes e opiniões.

Como contrapartida, cada homem deve respeitar as leis dos ambientes onde vive, por exemplo, as leis das cidades, se nelas vive, as leis da selva, se ali é seu *habitat*, e assim por diante, jamais se lhe tolhendo o direito de optar por viver onde bem lhe aprouver. Essa prerrogativa, que decorre do livre-arbítrio, condena os ditadores sanguinários que o impedem do exercício pleno de sua liberdade de expressão e de locomoção.

Uma vez na Terra, o homem tem a imperiosa necessidade de se manter. Para isso, Deus, ou a Natureza, como querem uns ou outros, oferece enorme gama de recursos para sua subsistência, dos quais usa e abusa, gerando graves distorções no meio onde ele vive, o meio ambiente, distorções estas que acabarão por penalizá-lo.

Assim, o fundamental para que o homem continue vivendo é a necessidade de se nutrir, retirando do meio ambiente o necessário para se manter. Do ar, retirando o indispensável combustível para gerar a energia, energia esta essencial para se recompor e se desenvolver à custa da extração dos bens naturais encontrados no planeta Terra.

Ao que se sabe do Gênesis, houve somente dois momentos na vida do homem neste planeta em que não necessitou empenhar-se para subsistir. Um primeiro, correspondente à sua permanência no Paraíso. Um segundo, por ocasião da retirada do povo judeu do Egito, conduzido por Moisés, para a Terra Prometida, quando do céu proveio o maná, uma exceção absoluta. O primeiro interrompido pela desobediência a uma imposição divina, a de não comer a maçã, o fruto da árvore proibida, maliciosamente oferecida por uma serpente a Eva, que a comeu e a deu a Adão. Deus, então, interveio e sentenciou: **a partir deste momento, vocês vão comer o pão de cada dia com o suor do seu rosto.** Evidentemente extensivo a todos nós, pois, até os dias de hoje, não houve a possibilidade da revogação dessa sentença.

Assim, submetendo-nos às condições anteriormente citadas, quer pela palavra de Deus, quer pela lógica da Natureza, que rege a vida do homem sobre a terra, ele precisa empenhar-se, esforçar-se ou mais simplesmente trabalhar para obter os recursos para sua subsistência. No mínimo fazendo algum esforço ao se aproveitar daquilo que encontra ao alcance da sua mão, por exemplo, ao apanhar um fruto nativo. Mas,

a continuar nesta desídia, praticando atos que dilapidam o meio ambiente, sem se preocupar em repor os bens naturais dos quais se utilizou, terminará sem ter o que comer.

Logo, nesta Terra, não há possibilidade de subsistência sem esforço, sem empenho, sem se dedicar aos afazeres, em suma, sem trabalhar.

De outra parte, ao se manter em convivência social, uma vez que é um ser gregário, cada indivíduo deve desempenhar uma função, desde as mais simples, as mais humildes, até a do chefe da nação, todas de igual importância para a comunidade. Mas os homens não são iguais, não têm a mesma compreensão do sentido da vida cooperativa, das coisas da vida em comum, e, como consequência, nem todos entendem a importância de cumprir a sua função, indispensável numa sociedade interdependente. Disso resulta a desarmonia social, desestabilizando a tão almejada sociedade igualitária, um verdadeiro paraíso, desejo de alguns visionários que creem na possibilidade do perfeito funcionamento dessas sociedades. Impossível, aqui na Terra, exatamente porque os homens são diferentes entre si.

Por sinal, na recente viagem que fiz a Israel, em 2015, tive a oportunidade de perguntar a um israelense, professor de História, qual era a situação atual dos *kibutzim* — na minha concepção, a mais perfeita colônia coletiva do planeta. Respondeu-me que estão em processo de extinção em decorrência da diversidade de situações vividas por seus habitantes, como con-

sequência das variáveis a que o homem está sujeito. Citou, como exemplo, uma doença prolongada que afaste o padeiro da sua obrigação de prover a comunidade do pão de cada dia. Fatos semelhantes a este geram uma fratura no contrato social.

Diante disso, concluo pela impossibilidade da existência do Paraíso aqui na Terra. Talvez porque haja, pelo menos para aqueles que creem em uma vida espiritual, a básica diferença de nutrientes nesses dois ambientes. Na Terra, a matéria, portanto tangível e finita. No Paraíso, o amor, absolutamente etéreo e infinito.

Como corolário dessas considerações, creio que são pueris as intenções de remunerar o homem independentemente do seu trabalho, aspiração de alguns sonhadores, indivíduos desligados da realidade da vida do homem no planeta Terra.

Para que isso fosse possível, seria necessário transformar a Terra no provedor automático das necessidades de cada indivíduo, daí decorrendo a dispensa do labor diário, labor este que o clássico e sábio provérbio popular incentiva: o trabalho enobrece e dignifica o homem.

Este, o trabalho, o labor diário, é a única saída para a subsistência do homem, não somente nobre e digna, mas principalmente garantidora do seu sustento.

Antonio Carlos Gomes da Silva

Secretário-Geral da Academia de Medicina de São Paulo

Haikais brasileiros para Ruth

Catamarã.
O futuro no horizonte,
Cada manhã.

Mil panteras.
Todos na frente temem
Estas feras.

Novidade.
Do passado sempre sinto
Só saudade.

Tudo escuro
Buscam-se luzes
Pro futuro.

Toda a cruz
Do verdadeiro cristão
Torna-se luz.

Minha família.
Sigo meu caminho certo
Em sua trilha.

Repetiste
Ao seu lado eu nunca
Fico triste.

Meu encanto
Por meu amor
Faz meu canto.

Horizontes
Nos meus poemas
Viram fontes.

Naves no espaço
Versos perdidos no tempo
Marcam seu passo.

Pelos varais
Meus versos são pendurados
Por seus "ais".

É desatino.
Assim eu meus versos faço
Desde menino.

Meus papagaios
Eu os empino, pois são
Meus para-raios.

Ives Gandra da Silva Martins



coluna do livro

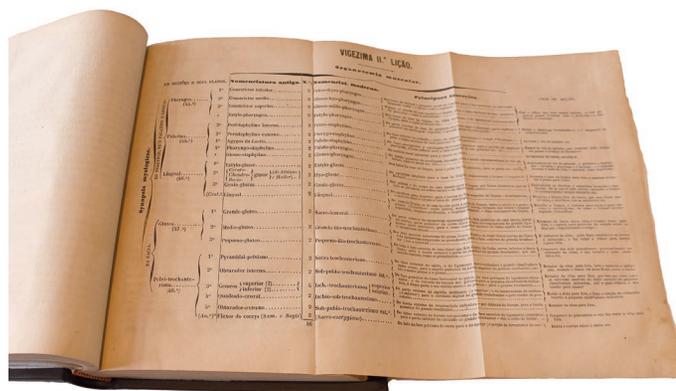
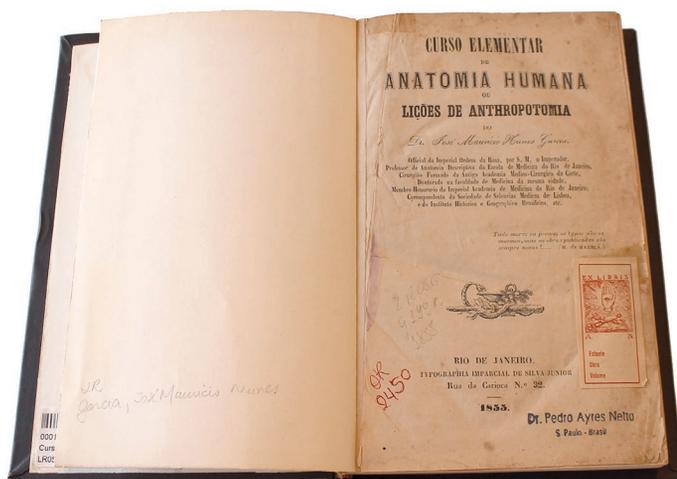
Lições de Anthropotomia

O professor José Carlos Prates, glória viva da Anatomia do Brasil — o “Defunteiro”, como Jarbas Passarinho o chamou, ao ver o renomado mestre, magro, alto, de gravata, camisa e avental impecavelmente brancos, nos corredores da Faculdade Paulista de Medicina, na década de 1980 —, certamente gostará muito de saber que a APM possui o *Curso elementar de anatomia humana ou lições de anthropotomia*, o primeiro livro no gênero impresso no Brasil. Obra raríssima escrita pelo Oficial da Imperial Ordem da Rosa e Professor de Anatomia Descritiva da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, José Mauricio Nunes Garcia.

É um clássico da Anatomia brasileira. São trinta e sete capítulos em dois tomos, ambos com 346 páginas cada. O primeiro, editado em 1854, pela Imprensa de Luiz de Souza Teixeira; o segundo, em 1855, pela Typographia Imparcial de Silva Junior.

Interessante notar que um dos capítulos cuida do modo de conservar os cadáveres. Considera que o Rio de Janeiro é uma cidade úmida e quente e, conseqüentemente, putrificam-se os corpos com muita rapidez. Registre-se também que no segundo tomo há, para cada capítulo, sinopses em folhas duplas e com duas dobras.

Reencadernado nos anos 1980, aparado, com miolo em bom estado e folha de rosto do primeiro volume necessitando restauro, na qual está encartado recorte do *Jornal do Commercio*, de 1839 e ex-libris não identificado. Doado à APM em 7 de agosto de 1980, por Pedro Ayres Netto.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Bibliotecária.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*),

Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira,

José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba,

Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinematoteca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.